

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**O SENTIDO E A FUNÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NA VISÃO
DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

CAROLINE MENDES DA SILVA

JOÃO PESSOA

2021

CAROLINE MENDES DA SILVA

**O SENTIDO E A FUNÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NA VISÃO
DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba. Orientado pela Prof^ª Dr^ª Beatriz Prado Pereira.

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Caroline Mendes da.

O Sentido e a função da instituição escolar na visão
de

alunos do ensino médio / Caroline Mendes da Silva. -
João Pessoa, 2021.

35 f. : il.

Orientação: Beatriz Prado Pereira.

TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Escola. 2. Ensino Médio. 3. Formação Escolar. 4.
Juventudes. I. Pereira, Beatriz Prado. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 373.5

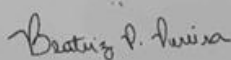
CAROLINE MENDES DA SILVA

O SENTIDO E A FUNÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NA VISÃO DE ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Aprovado em: 08/12/2021

COMISSÃO EXAMINADORA



Beatriz Prado Pereira
Universidade Federal da Paraíba



Iara Falleiros Braga
Universidade Federal da Paraíba



Gustavo Artur Monzeli
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela minha vida e por me permitir enfrentar todos os obstáculos encontrados ao longo da minha jornada acadêmica.

Aos meus pais, Raquel Dionísio e Gilvan Mendes, por todo amor e toda confiança que depositaram em mim, bem como também por todo suporte que me permitiu chegar até aqui.

A todo corpo docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, pela ajuda e pela dedicação com a qual guiaram o meu aprendizado.

À Prof^a Dr^a Beatriz Prado Pereira, por toda paciência, cumplicidade e incentivo que teve para comigo durante toda a elaboração deste projeto.

Ao meu irmão, Douglas Mendes, pelo companheirismo e por todo apoio de sempre.

À Alexsandra Soares, Carla Fernandes, Geyce Apolinário, Islen Rhanielly, Janira Neta, Lídia Laís, Lídia Oliveira e Wellyson Bruno, sem vocês, eu não conseguiria concluir esta etapa da minha vida. Obrigada por todo amor e por todas as palavras de incentivo, elas foram fundamentais para mim.

Por fim, a todos os meus amigos que me ajudaram, direta ou indiretamente, no processo de realização e conclusão deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa debruça-se sobre a temática da escola em interface com a juventude. Seu objetivo geral foi analisar e compreender o sentido e a função que a escola tem para os jovens matriculados no Ensino Médio regular da Escola Cidadã Integral e Técnica Francisca Ascensão Cunha (ECITFAC), localizada no bairro dos Bancários, em João Pessoa – PB. Para tanto, lançou-se mão da aplicação de um questionário com perguntas fechadas para todos os estudantes da referida escola, para a obtenção de dados referentes a trechos do percurso escolar dos alunos, o porquê ir à escola, o sentido e a função desta instituição, e de como a educação formal se constitui para e na vida deles e delas. Tais dados foram analisados a partir da descrição, composição e comparação das informações coletadas com os jovens, à luz dos referenciais teóricos que fundamentam os temas desta investigação. Os resultados obtidos mostraram que os estudantes consideram a principal função da escola a preparação para o mercado de trabalho, a formação voltada para a inserção na universidade e a contribuição da escola para que os alunos tenham melhores condições de vida. Esta pesquisa é uma tentativa de compreender as peculiaridades e os sentidos da permanência dos jovens na instituição escolar, tentando compreender o que eles mais gostam na escola, os motivos que os fazem ir até à escola, e as funções que eles dedicam a esta instituição. Por fim, ressaltamos a necessidade de fazer com que o aluno se sinta parte integrante e necessária para sua formação, sendo a escola um meio facilitador em todo esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Ensino Médio; Formação Escolar; Juventudes.

ABSTRACT

This research focuses on the theme of school in the interface with youth. Its general objective was analyzed and understood the meaning and function that the school has for young people enrolled in regular high school at Escola Cidadã Integral e Técnica Francisca Ascensão Cunha (ECITFAC), located in the neighborhood of Bancários, in João Pessoa - PB. For this purpose, a questionnaire with closed questions was applied to all students at the school, to obtain data referring to sections of the students' educational background, why go to school, the meaning and function of this institution, and how formal education is constituted for and in their and their lives. Such data were issued from the description, composition and comparison of the information collected from the young people, in light of the theoretical references that underlie the themes of this investigation. The results sought that scholars consider the main function of the school to be preparation for the job market, training aimed at entering the university and the school's contribution so that students have better living conditions. This research is an attempt to understand the peculiarities and meanings of the permanence of young people in the school institution, trying to understand what they like most about school, the reasons that make them go to school, and the functions they dedicate to this institution. Finally, we emphasize the need to make the student feel an integral and necessary part of their education, with the school being a facilitator in this entire process.

KEYWORDS: School; High school; School Training; Youths.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO E ESCOLHA DO TEMA	08
2 INTRODUÇÃO.....	09
3 METODOLOGIA	15
3.1 LOCAL E POPULAÇÃO DO ESTUDO	15
3.2 ASPECTOS ÉTICOS	15
3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	31
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	31
ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO	32
ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ECITFAC	36

1 APRESENTAÇÃO E ESCOLHA DO TEMA

A proposta de pesquisa que se segue tem como temática a Escola e a Juventude, buscando a compreensão do sentido que a instituição escolar tem para os jovens na atualidade. A abordagem com relação a este grupo populacional se constrói tendo como principal e maior interesse o discurso dos próprios jovens acerca do papel social da escola em suas vidas, o motivo de acessarem e permanecerem nessa instituição, o estímulo que existe por parte da própria escola e dos envolvidos direta e indiretamente neste processo e outros que podem estar relacionados com o sentido da escola na vida dos jovens.

Este texto decorre de parte dos resultados do esforço conjunto de uma investigação ampla que envolveu duas iniciações científicas, e que advém da continuidade do trabalho desenvolvido por pesquisadores da linha de pesquisa “*Escola, Terapia Ocupacional e Inclusão Radical*”¹ dedicada, também, ao tema das juventudes em interface com a escola pública brasileira e que, junto com ações de extensão universitária e formação de estudantes integram a *Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social*².

A Terapia Ocupacional Social é uma subárea da Terapia Ocupacional que está voltada ao desenvolvimento de ações pela busca de emancipação e autonomia dos sujeitos os quais têm impedimentos e/ou dificuldades socioeconômicas para o acesso aos seus direitos sociais. Trata-se de colocar em foco os sujeitos, individuais e coletivos, com destaque para a sua posição social e, com isso, as possibilidades constituídas em seus cotidianos, compreendendo o terapeuta ocupacional como alguém capacitado para criar estratégias conjuntas de ampliação de oportunidades (LOPES; MALFITANO, 2016).

As elaborações aqui apresentadas partem do contato com os jovens, desde 2018, de uma comunidade periférica no município de João Pessoa/PB, por meio das ações do projeto de extensão “*Timbó em Movimento: espaço público, educação e ação coletiva*” do Núcleo

¹A linha de pesquisa “Educação, Terapia Ocupacional e Inclusão Radical, compõe o Grupo de Pesquisa “Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional” coordenado pelas professoras Roseli Esquerdo Lopes e Ana Paula Serrata Malfitano.

²Atualmente, a *Rede Metuia*, conta com seis núcleos ativos em diferentes regiões e universidades públicas do Brasil e no percurso de alguns pesquisadores que compõe esse grupo, as interfaces com a área de educação, com foco na escola pública e nas juventudes populares, vêm sendo priorizadas, traçando reflexões, debates e proposições que articulam questão social, escola e juventudes.

Metuia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em parceria com a Associação Juventude em Ação do Timbó (AJA), e das reflexões sobre as relações que esses jovens constituem com a escola que frequentavam, uma escola estadual integral e técnica de Ensino Médio.

Compreendendo a escola como uma das principais potências que auxiliam na formação dos jovens enquanto sujeitos sociais e entendendo-a como o principal lugar de interação entre eles, esta pesquisa buscou analisar e compreender o sentido e a função que a esta instituição tem para os jovens matriculados no Ensino Médio regular da Escola Cidadã Integral e Técnica Francisca Ascensão Cunha (ECITFAC) localizada no bairro dos Bancários, em João Pessoa – PB. Como objetivos específicos buscamos apreender a partir da visão dos jovens alunos do Ensino Médio regular da escola escolhida, os sentidos da escola e como educação formal se constitui em suas histórias de vida; além de investigar como os alunos compreendem a escola como espaço de convivência e sociabilidade, para além do conteúdo curricular.

2 INTRODUÇÃO

O conceito de juventude foi e é construído social e historicamente segundo a premissa de que o “ser jovem” varia conforme o tempo e o espaço, conforme a cultura e as características de cada sociedade. De acordo com o pensamento sociológico, a conceituação de juventude surgiu na sociedade moderna ocidental e se desenvolveu durante o século XX (ABRAMO, 2005). Mesmo assim, é comum encontrar conceitos únicos e generalizadores, incluindo-se no mesmo critério realidades e historicidades distintas e contraditórias entre si. Teoricamente, essas diferenças existem entre vários grupos de uma sociedade, mas em uma abordagem coletiva, essas características particulares são desconsideradas, sendo o jovem, comumente, pressionado a se enquadrar em padrões que são destinados à população em geral (BRANCALHÃO, 2003).

Para Pais (2005), a juventude pode ser vista em torno de dois diferentes eixos: como unidade, quando se refere a uma fase da vida, mas também como diversidade, devido aos diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros, concebendo a juventude, neste caso, como não socialmente homogênea.

Compreender a juventude como um grupo social que possui especificidades e que é influenciado pelo meio social no qual se desenvolve pela qualidade das trocas que este proporciona, implica, necessariamente, no entendimento de que esse grupo populacional constrói determinados modos de existir, distanciando-se do discurso de que possa haver um único modo de ser jovem. É nesse sentido que se tem a noção de juventudes, no plural, para destacar a diversidade de modos de “ser jovem” existentes (ABRAMO, 2007). Dessa forma,

[...] é preciso enfatizar que as práticas culturais juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e internas produzidas no interior de cada agrupamento específico (DAYRELL, 2007, p.1110).

Além disso, o jovem deve ser considerado como sujeito, representado nesta pesquisa pelo conceito de Charlot (2000), para quem o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta e dá sentido ao mundo. Impõe sentido também à sua posição, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. O sujeito é, por conseguinte, um ser ativo, que age no mundo e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

O debate acerca das concepções com relação à juventude e à adolescência tem sua relevância primordial no fato de que, a partir de suas conceituações, serão retratadas e interpretadas suas formas de ser e estar no mundo e, também, como a sociedade se organiza na atenção a essas fases da vida, especialmente na maneira como são configurados os direitos e os deveres dos adolescentes e dos jovens e quais são as ações sociais e políticas reivindicadas (LOPES et al., 2009, p. 89).

A configuração das ações e programas públicos demonstra que sofrem os efeitos de concepções sobre a juventude, mas também que “elas podem provocar modulações nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre seus sujeitos jovens” (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 18), com isso, as políticas públicas para essa população não seriam apenas uma reprodução de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas poderiam agir, ativamente, na produção de novas representações. (SPOSITO; CARRANO, 2003)

A juventude pode ser vista em condição de transitoriedade na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Com isso, há uma tendência de se encarar a juventude na sua negatividade, pois ela fica necessariamente atrelada ao que ainda não chegou a ser. Essa concepção está muito presente na escola, a questão do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro. (DAYRELL, 2003)

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. Trata-se de um período determinado, porém não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma, “[...] todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, 2003, p. 14).

No Brasil do século XXI, ao se relacionar escola e juventude, ainda são grandes as lacunas no que diz respeito à equidade e qualidade, pois é no âmbito dessa instituição que a maior parte dos jovens toma consciência de oportunidades e possibilidades existentes, mas é onde, ao mesmo tempo, tem a percepção de que lhes são negadas as condições reais para aproveitá-las. As experiências escolares dos jovens, muitas vezes, evidenciam que a instituição escolar se coloca distante de seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder suas reais demandas, pouco contribuindo em suas construções como sujeitos (DAYRELL, 2007).

É possível notar em textos, estudos, discussões, nas construções das leis e das diretrizes sobre a educação brasileira o quanto é nítida uma dualidade estrutural que se expressa numa fragmentação da escola. Delineiam-se caminhos diferenciados segundo a classe social do aluno; de um lado, o caráter de formação geral humanista dirigido à elite; de outro, o profissionalizante destinado à população mais pobre (KUENZER, 2005).

Essa dualidade, bastante acentuada no Ensino Médio, tem base na difícil tarefa de estruturação por ele requerida. Apesar de sua importância, continua a persistir a falta de definição de seu estatuto pedagógico, ou seja, não se tem clareza sobre a função educacional dessa fase escolar. É ela propedêutica ao Ensino Superior? É profissionalizante ou pré-profissionalizante? (NOSELLA, 2011).

Essa característica dual foi estabelecida historicamente, desde os primórdios da educação no Brasil. Na história do desenvolvimento humano em suas relações com o mundo produtivo, foi persistente a existência de um dilema entre trabalho manual e trabalho intelectual, mundo da escola e mundo do trabalho, além da dualidade entre a arte do fazer e a arte do pensar (FRIGOTTO, 1989).

A indecisão sobre a função do Ensino Médio, recorrente entre nós, por estar sempre interligada com as mudanças e dimensões políticas, econômicas, culturais e sociais do momento em que se propõe uma construção curricular para esse nível de ensino, não é uma questão apenas pedagógica, é também política, determinada pelas mudanças nas bases materiais de produção, é concordante com a história e do que nela se define sobre as relações entre trabalho e educação (KUENZER, 2007).

Nesse contexto, em uma sociedade escolarizada, quando relacionamos jovens e escola, observa-se que muitos deles acabam evadindo dessas instituições e sofrendo as consequências da falta de uma formação escolar. Situação que é em parte determinada por fatores como a falta de interesse, a violência, os maus-tratos, a indisciplina e a ausência de incentivos relacionados aos estudos (LOPES et al., 2008; LOPES et al., 2011; LOPES et al., 2012).

Ainda com relação a permanência do jovem no ambiente escolar, CARRANO (2007) destaca que:

[...] além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extraescolar (CARRANO, 2007, p. 60)

O fato de a escola muitas vezes não ser atrativa para os jovens, também acaba contribuindo para um aumento nos índices de evasão escolar, o que pode ocorrer em decorrência da falta de interesse, da necessidade de trabalhar, de responsabilidades familiares, da localização e do público frequentador da escola, coisas que interferem diretamente na forma como o jovem irá se comportar neste ambiente (NERI, 2008).

Considerando a conquista histórica do acesso à escola enquanto direito, sua ampliação em todos os níveis e a universalização ainda em processo, no caso do Ensino Médio, as escolas, principalmente as públicas, passaram a receber um contingente de alunos cada vez mais heterogêneo, marcado por um contexto de desigualdade social e exclusão, então, o perfil do aluno tem mudado e as demandas trazidas para uma escolarização de qualidade são outras (COSTA, 2010).

No que se refere a um contexto de desigualdades sociais, pode-se citar uma prática bastante comum entre a juventude pobre, que é o ingresso precoce no mercado de trabalho, o que pode ser observado no documento prescrito na Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude (2010, p. 8):

[...] A idade de ingresso no mercado de trabalho é fortemente marcada por desigualdades sociais. Enquanto muitos jovens pertencentes a famílias de baixa renda ainda ingressam no mercado de trabalho antes da idade considerada legal para o trabalho e sem concluir o ensino fundamental, os jovens de renda mais elevada ingressam, em geral, a partir dos 18 anos, principalmente em situações de trabalho protegidas e tendo completado o ensino médio. A maior parte dos jovens, tanto pertencentes a famílias de mais alta ou de mais baixa renda, se inserem ou procuram se inserir no mercado de trabalho por volta dos 18 anos de idade. A partir desta faixa, a desigualdade se expressa muito mais nas chances de encontrar trabalho e no tipo de trabalho encontrado: os jovens de renda mais elevada estão sujeitos a menores índices de desemprego e a uma inserção mais protegida no mercado de trabalho. Estes aspectos sinalizam a necessidade de políticas ativas de apoio à inserção, particularmente direcionadas para jovens de baixa renda, mulheres, negros, moradores de áreas urbanas metropolitanas e de determinadas áreas rurais.

As experiências escolares dos jovens, muitas vezes, evidenciam que a instituição escolar se coloca distante dos seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder às suas reais demandas, pouco contribuindo em suas construções como sujeitos (ABRAMO, 2007). Com isso, tem-se a necessidade de se propor um olhar dos e com os jovens, para além de serem considerados alunos, buscando compreendê-los como sujeitos sociais que, como tal, constroem um determinado modo de ser jovem.

É fato que o papel da escola também é ensinar boas teorias, disponibilizando e formando para o acesso ao patrimônio cultural da humanidade; no entanto, para que funcione, é preciso que o aprendizado não seja apenas prático, mas seja intenso e, de verdade, o aluno

domine com intimidade o que está sendo aprendido. O dilema é que, com vistas ao ingresso no Ensino Superior, o aluno é bombardeado por conteúdos que não se transformam em conhecimentos. Quer dizer, "[...] o ensino acadêmico para o mundo do vestibular é diferente do ensino, também acadêmico, para o mundo real. Somem-se a isso as diferenças de aptidão de cada aluno para as disciplinas mais acadêmicas e abstratas" (CASTRO, 2008, p. 116).

Os alunos, professores e pais vivenciam um cenário paradoxal, ou seja, lançam para o futuro o sentido do ensino no presente enquanto se encontram inseridos em uma sociedade cuja cultura é aquela que incentiva homens e mulheres a não planejar ou a esperar, mas a viver o aqui e agora das oportunidades de fruição prazerosa (COSTA, 2004). Para Bauman (1998), a pós-modernidade significa um tempo de incertezas, ao lado de uma cultura em que as instituições sociais, como a escola, por exemplo, já não conseguem auxiliar o indivíduo satisfatoriamente na construção de suas identidades, bem como no planejamento de seus projetos de vida.

[...] diante das exigências do mundo moderno, nós precisamos mirar o mais possível na preparação do aluno não somente para ser ele mesmo, mas também para entrar na sociedade, senão com a capacidade de ser um produtor de cultura em todos os campos, pelo menos para ter a capacidade de desfrutar, de saber gozar, de todas as contribuições da civilização, das artes, das técnicas, da literatura. A cultura deve ser direcionada para todos, facilitando as disposições intelectuais e ao mesmo tempo forçando todo mundo, com firme doçura a aprender e a participar de todos os prazeres humanos (MANACORDA apud NOSELLA; LOMBARDI; SAVIANI, 2007, p. 23).

Diante desse contexto, evidencia-se os questionamentos: de que forma a escola reflete sobre a condição juvenil e as demandas que lhes são apresentadas? Como a escola poderia (ou deveria) contribuir para a construção dos projetos de futuro de seus alunos e alunas, articulando necessidades atuais e repensando a forma utilizada para responder aos desafios que as juventudes nos colocam? Qual a compreensão dos atores escolares sobre a função da escola para além do ensino de conteúdos curriculares?

A necessidade de planejar e propor políticas para as juventudes é real e urgente. Mas precisa-se estudar e considerar uma série de aspectos que compreendem: as especificidades e a diversidade que caracterizam essa fase da vida, a percepção de situações de vulnerabilidade que atingem grande parte das juventudes de escolas públicas, as diferentes representações do

“ser jovem” na sociedade atual, dentre outros. Entende-se então, que, ao considerar todos esses aspectos, é possível romper com uma visão homogeneizadora do conceito de juventude e começar a entendê-la e a percebê-la como um processo em construção na sociedade. Sendo essa presente pesquisa uma forma de tentar compreender como os jovens estudantes entendem as funções escolares e como eles consideram a escola como um lugar importante (ou não) para a composição de suas trajetórias de vida e para as suas formações, também, enquanto cidadãos.

3 METODOLOGIA

3.1 LOCAL E POPULAÇÃO DO ESTUDO

O estudo foi realizado na Escola Cidadã Integral e Técnica Francisca Ascensão Cunha (ECITFAC), localizada no bairro dos Bancários, próximo a Comunidade do Timbó, em João Pessoa – PB. Esta escola faz parte do programa e modelo de educação desenvolvido nas Escolas Cidadãs Integrais do Estado da Paraíba e, de acordo com as Diretrizes Operacionais, o objetivo é oferecer os fundamentos de uma escola inclusiva e que visa formar o(a) cidadão(ã) para os desafios do século XXI, mas também para as exigências profissionais que o mundo contemporâneo exige, tendo como ponto de partida o(a) estudante e buscando desenvolver os pilares essenciais para a formação de indivíduos que possam contribuir com a sociedade a partir de sua autonomia, das diferentes competências e das ações solidárias (BRASIL, 2020).

3.2 ASPECTOS ÉTICOS

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da UFPB. Para garantir que os procedimentos estejam protegidos pela ética na pesquisa com seres humanos, serão respeitados, sempre, os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes. Serão considerados os riscos e benefícios para a população envolvida, prezando pelo cuidado com as informações colhidas durante os processos (BRASIL, 1996).

Dessa forma, assegura-se que foram submetidos a questionários, os sujeitos que após o convite, se disponibilizaram para o estudo, sendo para isso informados sobre os procedimentos mediante diálogo com a proponente. No mais, foi empregado o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), destinado às escolas, aos jovens participantes e seus familiares/responsáveis. O uso do termo se faz por se reconhecer esta ação como uma tentativa de preservação do princípio da autonomia de escolha. Para isso, segundo Fortes (1994), o consentimento deve ser livre, voluntário e consciente, não comportando vícios e erros. A informação revelada deve ser compreendida, não sendo suficiente que a pessoa seja mera receptora.

3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta dos dados foi realizada entre setembro e dezembro do ano de 2019 por parte da equipe do grupo de pesquisa. Para atender aos objetivos deste estudo, foi aplicado um questionário com perguntas fechadas (Anexo C) com questionamentos relativos as seguintes dimensões: 1 – Como tem sido sua trajetória escolar? 2 – Você vai à escola por quê? 3 – Para você, qual é a função da escola?

Através dos questionários foi construído um banco com os dados recolhidos, possibilitando a sistematização de informações sobre trechos dos percursos escolares e a forma que os alunos compreendem a escola. A composição desse banco de dados possibilitou a partir de uma análise, traçar informações sobre o que os sujeitos pensam sobre a escola com uma tentativa de apreender ao máximo a realidade dessa temática na visão da juventude deste município. A análise descritiva da população do estudo foi realizada através do *software Excel®* versão 2007.

O estudo teórico permitiu contextualizar as situações trazidas pelos jovens a partir dos questionários e a leitura dos dados que proporcionaram a caracterização do discurso e as argumentações trazidas pelos sujeitos a partir de uma dimensão crítica, como um recurso que se coloca para compreensão das questões e possibilidade de reflexão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população do presente estudo foi composta, por um total de 71 estudantes, sendo 31 alunos do 1º ano do ensino médio, 26 alunos do 2º ano e 14 alunos do 3º ano do ensino médio, todos eles regularmente matriculados na ECITFAC. Com relação ao bairro em que residem, cerca de 65 alunos (91,55%) são do bairro dos Bancários (no qual estão inclusos também os pertencentes à Comunidade do Timbó e Jardim São Paulo), e apenas seis alunos (8,45%) residem em bairros diferentes, sendo dois destes do Valentina de Figueiredo e os demais pertencentes aos bairros Altiplano, São José, Mangabeira e Paratibe.

No Brasil, a Educação Básica é dividida em três etapas: a Educação Infantil, que atende crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, o Ensino Fundamental, cujos alunos possuem de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e o Ensino Médio, para alunos de 15 a 17 anos (BRASIL, 2013).

Quanto à faixa etária dos estudantes participantes da pesquisa, obtemos o resultado descrito no quadro abaixo:

Quadro 1 – Quadro sobre a idade dos alunos do ensino médio/ João Pessoa – PB

QUANTIDADE DE ALUNOS	IDADE
12 Alunos	15 Anos
13 Alunos	16 Anos
15 Alunos	17 Anos
11 Alunos	18 Anos
3 Alunos	19 Anos
2 Alunos	20 Anos
2 Alunos	23 Anos
1 Aluno	25 Anos

Dessa forma, podemos considerar que 19 destes alunos (26,76%) não se encaixam no padrão de faixa etária tido como “ideal” para a conclusão do Ensino Médio.

Em relação ao sexo dos estudantes, tivemos que 29 alunas (40,85%) responderam “feminino”, 39 alunos (54,93%) responderam “masculino” e 03 alunos (4,22 %) não responderam.

Um ponto a ser notado, é que no presente estudo a maioria dos estudantes foi composto por indivíduos do sexo masculino, o que se diverge do trabalho realizado por Pereira (2014), que conclui ser mais comum a predominância de mulheres entre os estudantes do Ensino Médio, uma vez que a permanência escolar dos homens geralmente é prejudicada pela entrada no mundo do trabalho.

Quadro 2 – Quadro sobre índice de reprovação dos alunos do ensino médio/ João Pessoa – PB

REPROVARAM	NÃO REPROVARAM
26 alunos (36,72%)	45 alunos (63,38%)

Em relação à reprovação no decorrer da trajetória escolar, 26 alunos (36,72%) disseram já ter reprovado em algum momento e 45 alunos (63,38%) nunca passaram pela situação de reprovação. No que diz respeito à essa discussão, Patto (1999), define que a aprovação ou a reprovação dos alunos está sujeito a diversos cenários de vida e situações de problemáticas sociais que estes enfrentam, do que às capacidades intelectuais e cognitivas dos estudantes. No Brasil, “diversos estudos evidenciam que o fracasso escolar está mais presente na vida dos adolescentes das escolas públicas” (NUNES, 2014, p. 204), o que corrobora com o pensamento de Luz (2008), que reforça que os problemas relacionados a trajetória escolar são mais frequentes entre as classes menos favorecidas, uma vez que estas encontram-se mais vulneráveis.

Em sua pesquisa envolvendo os efeitos da reprovação a curto, médio e longo prazo, Crahay (2006) observou que a família era uma das principais responsáveis por evidenciar situações que geravam baixa autoestima, vergonha, julgamento social negativo, dentre outros. Entretanto, esta é apenas uma alternativa considerável, mas não concreta perante este estudo, visto que as questões propostas aos estudantes não se aprofundam na temática familiar e na sua relação com a escola.

Em um estudo realizado por Sá (2018), que contou com a participação de 15 alunos, quando indagados a respeito dos motivos que ocasionaram a reprovação em algum momento

da trajetória escolar, observou-se que estes relacionavam o resultado negativo à problemas causados por eles mesmos, por não terem estudado o suficiente. Porém concordamos que é necessário diversas reflexões e uma leitura aprofundada dessa problemática, para não cair em uma legitimação da culpabilização individual.

No que diz respeito ao discurso de culpabilização do indivíduo pelo seu próprio fracasso escolar, Patto (2010) coloca que os estudantes de classes mais pobres enfrentam mais dificuldades na sua trajetória de aprendizagem, todavia, a responsabilidade sobre isso não é única deles, e que esta narrativa de culpabilização individual sofreu bastante influência de vários pesquisadores que legitimavam a ideia de que crianças e adolescentes pobres só teriam ascensão social se as qualidades individuais delas se sobressaíssem perante as dificuldades de suas próprias vidas. “Dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem escolar” (PATTO, 2010, p.76).

Na visão de Patto (2010), estes programas compensatórios muito têm a ver com a instituição escolar e com a falsa ideia de que a escola promoverá uma justiça social, fazendo assim com que a narrativa de fracasso escolar como algo individual se generalize e façam as pessoas esquecerem de atrelar este fracasso também à instituição escolar e a própria sociedade.

Conforme observado no quadro 3, 53 alunos (75%) declararam que gostavam de ir à escola, 46 alunos (65%) relataram se sentirem motivados a irem à Escola e 47 alunos (66%) manifestaram gostar da escola em que estudam.

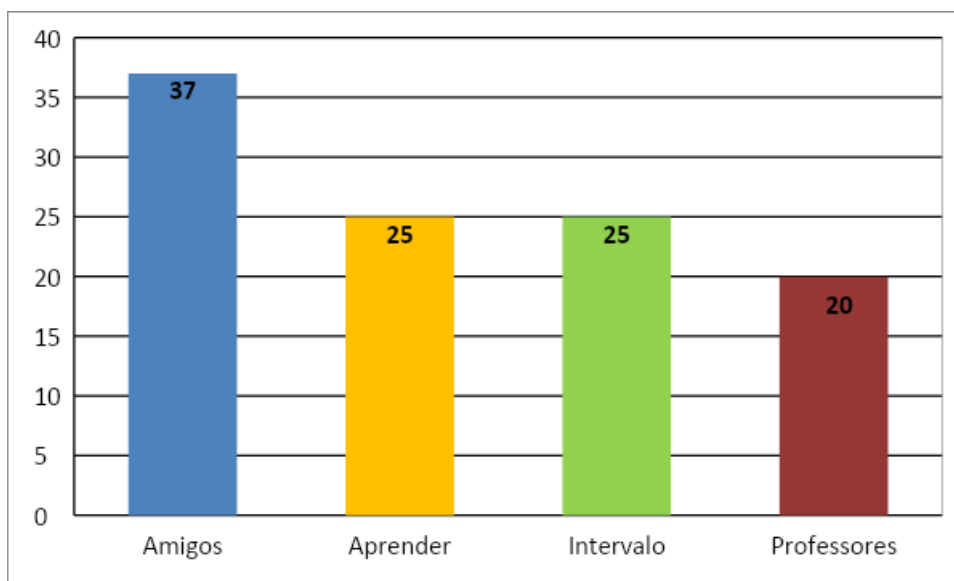
Quadro 3 – Distribuição das questões “Gosta de ir à escola”, “Se sente motivado” e “Gosta da escola atual” dos alunos do ensino médio/João Pessoa – PB

QUESTÕES	NÃO	SIM	SEM RESPOSTA
Gosta de ir à escola	18 (25,35%)	53 (74,64%)	0 (0,00%)
Se sente motivado	24 (33,80%)	46 (64,79%)	1 (1,41%)
Gosta da escola atual	21 (29,58%)	47 (66,20%)	3 (4,22%)

Segundo Avelar (2015), a motivação para a aprendizagem escolar é algo que chama atenção, por causa das inúmeras dificuldades que as instituições escolares enfrentam em relação ao interesse dos estudantes. Ela traz que é imprescindível uma reflexão mais aprofundada sobre os alunos se sentirem motivados ou não a frequentarem à escola, mas que isto precisa ser dialogado com os professores, pois, segundo a autora, são eles quem conhecem os problemas, as dificuldades e os motivos para falta de motivação dos seus alunos.

Podemos pressupor que o resultado obtido nesta questão está, em partes, ligado ao que os estudantes responderam sobre o que eles mais gostam na escola em que estudam, observados na Figura 1. É importante ressaltar que os estudantes tiveram a opção de assinalar uma ou mais alternativa nesta questão.

Figura 1 – Pergunta “O que você mais gosta na escola em que estuda?”.



Observa-se que o motivo mais citado, dentre as opções oferecidas pelo questionário, que fazem os alunos gostarem da escola atual são os amigos. Dessa forma, podemos identificar que as relações afetivas são importantes e influenciam bastante na vida escolar dos jovens.

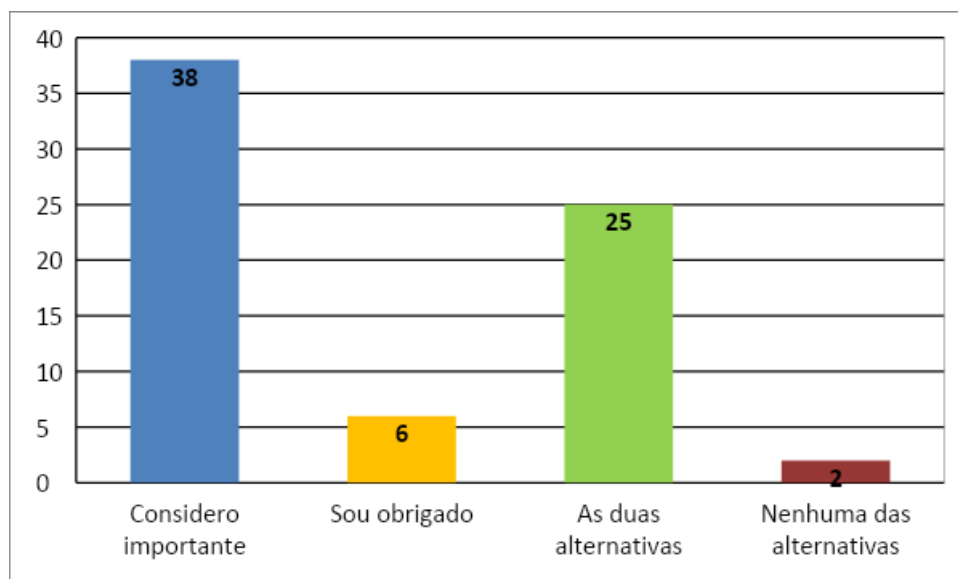
Seria então, a amizade, um ponto forte a se pensar quando se trata sobre os alunos gostarem e se sentirem motivados a irem para à escola? Reis (2012), traz que entre os

indivíduos dessa faixa etária, é comum a existência de grupos, em que cada um destes busca compartilhar experiências e construir laços afetivos. Também há destaque para a importância da socialização e da convivência, que podemos apontar como fatores essenciais para o desenvolvimento escolar e pessoal dos estudantes.

Disto isto, observamos que uma forte aliada da condição de ser jovem é a sociabilidade, e, segundo Dayrell (2007, p. 1111), “a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam ideias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintos”.

Conforme a Figura 2, quando indagados a respeito do motivo pelo qual frequentam a escola, 38 alunos (53,52%) consideraram importante; 06 alunos (8,45%) sentem-se obrigados a frequentar a escola; 25 (32,21%) destes consideram importante frequentar a escola, mas também sentem-se obrigados e 02 alunos (2,82%) não escolheram nenhuma das alternativas

Figura 2 – Pergunta “Por que você vai à escola?”



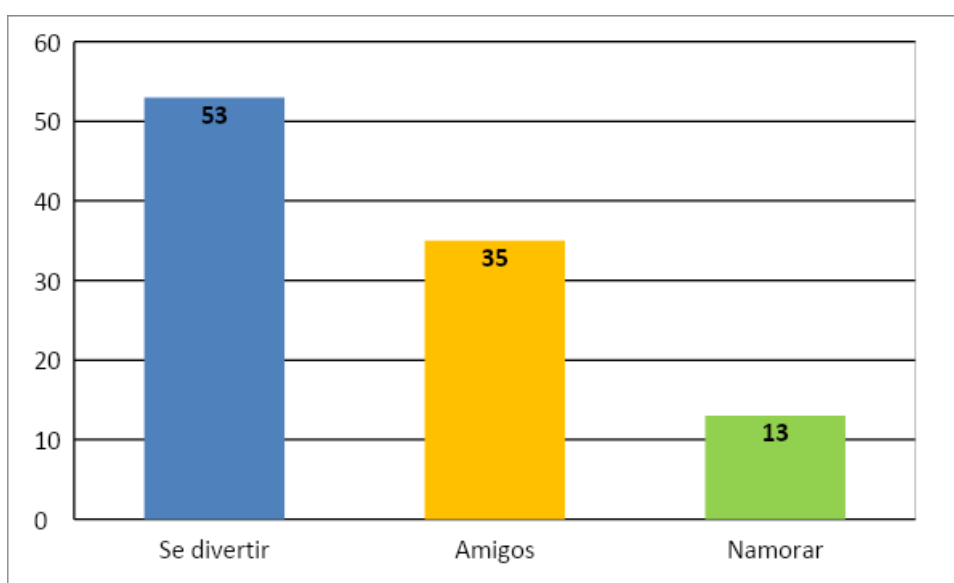
Como podemos observar na figura, o principal motivo do “Por que ir à escola?” é o fato dos estudantes a considerarem importante; e vários são os motivos para eles enxergarem a escola desta forma. Apesar deste trabalho não conseguir responder de forma mais direta à esses questionamentos, é possível vislumbrar que muitos jovens enxergam os estudos como

uma forma de estruturação para o futuro, que irá possibilitá-los a entrada no mercado de trabalho e conseqüentemente um status socioeconômico mais elevado (MELO; SALLES, 2020). Segundo Pereira (2014), apesar das dificuldades históricas e atuais que a escola enfrenta, com os questionamentos sobre sua eficiência e com relação aos recursos que utiliza no trabalho com o público jovem, ela continua sendo um lugar de referência para a juventude.

É inegável a importância que a instituição escolar tem na construção dos jovens estudantes enquanto sujeitos sociais. Entretanto, o questionamento que devemos fazer é se os alunos enxergam como importante apenas por questões curriculares ou se de fato há um entendimento sobre como a instituição escolar pode ser uma aliada no ensinamento de questões sociais e de cidadania, sobre processos de sociabilidade e convivência e sobre as problemáticas vivenciadas pelas juventudes em seus cotidianos.

Com relação aos principais motivos que fazem os jovens irem à escola, conforme mostra a Figura 3, os alunos citaram: se divertir, fazer amigos, e, por fim, namorar. De acordo com Sposito (2008), o ensino médio é visto pela juventude como a última oportunidade que estes têm de vivenciarem esta fase da vida. Ainda segundo a autora, esta é uma etapa em que os indivíduos estão mais propensos a socializar, experimentar, realizar atos afetivos e que buscam o lazer, o que se assemelha ao observado no estudo em questão.

Figura 3 - Pergunta “Por que você vai à escola?”



No que diz respeito às funções da escola, os alunos poderiam marcar mais de uma alternativa dentre as opções, conforme observado no Quadro 5. Podemos destacar alguns pontos que mais foram assinalados pelos alunos.

Quadro 4 – Opinião dos alunos do ensino médio/João Pessoa – PB a respeito das funções da escola.

QUESTÕES	SIM	NÃO	NÃO RESPONDEU
Um lugar para se expressar	48	18	05
Estimular e apoiar os alunos em suas decisões	47	19	05
Estimular os projetos de vida/futuro dos alunos	49	17	05
Discutir sobre as problemáticas sociais	40	26	05
Discutir sobre os diversos tipos de preconceitos e violências	50	16	05
Discutir sobre as políticas públicas e sociais	35	31	05
Discutir sobre as desigualdades sociais	49	17	05
Formar para passar no vestibular/universidade	54	12	05
Preparar para o mercado de trabalho	53	13	05
Contribuir para ter melhores condições de vida	53	13	05
Contribuir para a formação cidadã dos(as) alunos(as)	50	16	05
Ser um local que possibilita boas vivências	40	26	05
Possibilitar espaços de convivência e sociabilidade	47	19	05
Ensinar coisas novas	52	14	05

Os principais motivos que apareceram foram: formar para passar no vestibular (54 alunos); preparar para o mercado de trabalho (53 alunos); contribuir para ter melhores condições de vida (53 alunos); ensinar coisas novas (52 alunos); contribuir para a formação cidadã dos (as) alunos (as) (50 alunos) e discutir sobre os diversos tipos de preconceitos e violências (50 alunos). Podemos dizer que algumas das funções destacadas pelos alunos acabam se entrelaçando, “Formar para passar no vestibular”, “Preparar para o mercado de trabalho” e “Contribuir para ter melhores condições de vida” são visões que caminham para um mesmo sentido – ainda que por caminhos distintos - o da possibilidade de uma ascensão social via a escolarização.

Assim como a educação básica, a implementação do ensino superior no Brasil também ocorreu de maneira tardia se comparado aos demais países da América Latina (CORBUCCI, 2014). O que de certa forma, contribuiu para que o acesso a esse ensino fosse direcionado primeiramente às elites do país. Segundo Pereira (2014, p.106), “os jovens das escolas públicas e particulares querem chegar ao Ensino Superior, porém as condições para que isso aconteça são bastante desiguais”. Torres et al. (2013), fala sobre o modo como a juventude e o ensino médio brasileiro está relacionado a forma como o ensino é voltado nessa fase da vida, no qual os jovens são preparados prioritariamente para o vestibular e o ingresso no ensino superior ou a inserção direta no mercado de trabalho, a depender da classe social do estudante.

Entretanto, ao analisarmos a conjuntura da constituição da escola pública no Brasil, podemos continuar questionando: a escola está mesmo direcionando seus estudantes para o ingresso no ensino superior? Ou ela apenas está preocupada em propor uma formação tecnicista aos estudantes mais pobres?

É latente e histórica a dualidade estrutural que se expressa na fragmentação da escola de Ensino Médio. Os caminhos e as oportunidades são delineados segundo a classe social do estudante; de um lado, o caráter de formação geral humanista dirigido à elite – escola privada; de outro, o profissionalizante destinado à população mais pobre – escola pública (Kuenzer, 2002; Nosella, 2011). Nota-se a dualidade como expressão da injustiça social. Não é uma questão apenas pedagógica, é também política, determinada pelas mudanças nas bases materiais de produção, concordante com a história e do que nela se define sobre as relações entre trabalho e educação (Kuenzer, 2011).

Sobre a nova reforma do Ensino Médio, Motta (2017) enfatiza que é uma demanda do capitalismo visando uma formação de mão de obra, uma forma de “profissionalização” dos jovens estudantes durante o ensino médio regular, um projeto de ensino que está muito mais voltado ao mercado de trabalho e não ao pensamento crítico estudantil e a formação humana dos alunos. Hernandez (2019, p. 9) cita que “fornecer opções flexíveis de formação, para além de limitar os recursos financeiros destinados à educação, tem como objetivo manter a classe popular alienada aos interesses do capital.”

O pensamento dos jovens acerca do papel da escola em formar para entrar no ensino superior é um pensamento válido, e por muitas vezes os jovens enxergam a universidade como um meio de conseguir alcançar uma formação que vai lhes permitir um emprego satisfatório e conseqüentemente melhores condições de vida. Esta é uma expectativa que os estudantes depositam na escola, porém como podemos observar, a política brasileira está propondo um caminho “mais fácil” que visa mais rapidamente o ingresso no mercado de trabalho, o que também é algo que eles (estudantes de classes mais pobres) almejam, como podemos observar nos resultados desta pesquisa. Como dito anteriormente, os caminhos se entrelaçam. Tanto a vontade de passar no vestibular quanto a vontade de ingressar no mercado de trabalho constituem uma visão para se ter melhores condições de vida.

É necessário ressaltar que estas questões permeiam a vida dos jovens com uma alta cobrança por parte da sociedade, como se o Ensino Médio fosse um ultimato para decidirem qual caminho irão trilhar, desconsiderando totalmente as questões individuais de cada estudante, suas emoções, suas dúvidas, seus medos, suas vontades e interesses. Dessa forma, tende-se a negar o presente vivido pelo jovem como espaço de formação, para estabelecer foco apenas no futuro (ABRAMO, 2007).

Tendo isso em vista, Aranha (2002, p. 119) diz que “a educação se tornará mais coerente e eficaz se formos capazes de explicitar seus valores, ou seja, se desenvolvermos um trabalho reflexivo que esclareça as bases axiológicas da educação”. Para isto acontecer, a escola deve assumir um comprometimento de projeto político-pedagógico que permita uma educação pautada no diálogo e no ensinamento ao respeito às diferenças e as diversidades culturais, étnicas e sociais.

Segundo Gramsci (2008), uma formação humana integral pode possibilitar aos filhos da classe trabalhadora, em sua organização e funcionamento, a superação das enormes dificuldades que têm em se apropriar do conhecimento historicamente acumulado pela

sociedade. Sendo assim, a formação para o desenvolvimento integral do ser humano deve considerar as dimensões do fazer e do saber, do técnico e do político, do especialista e do dirigente, do profissional e do cidadão (Gramsci, 2008).

Cabe à escola formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus deveres e direitos, capazes de compreender a realidade em que vivem, preparados para participar da vida econômica, social, cultural e política do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos através desta pesquisa, nos permitiram compreender alguns apontamentos e pensamentos acerca dos sentidos e das funções da instituição escolar na visão dos alunos participantes. É de conhecimento geral que a sociedade projeta na escola um ambiente que irá proporcionar uma ascensão de vida aos seus alunos, seja por meio da inserção no mercado de trabalho ou seja por meio da entrada no ensino superior, desta forma, é comum que muitos dos estudantes acabem perpetuando este tipo de pensamento, o que foi possível observar nas respostas apresentadas por eles no que diz respeito às funções escolares. Apesar disso, é válido ressaltar que existem outros sentidos que podem ser atribuídos à escola que são tão importantes quanto a “formação para a ascensão”. Uma oferta de educação que ajude a construir um pensamento crítico nos estudantes, permitindo que eles reflitam e percebam a si mesmos enquanto protagonistas e transformadores de suas próprias histórias é, de fato, algo que deveria ser mais discutido no ambiente escolar, contanto que este tipo de formação não despreze as peculiaridades e a realidade de cada aluno.

É necessário que cada vez mais as escolas sejam um ambiente de suporte aos alunos e que ofereçam à eles ensinamentos para além de conhecimentos conteudistas, expandindo assim, várias possibilidades de vivências e socializações dentro desta instituição.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, H.W.; Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M.P.; CARRANO, P.; NOVAES, R.R. (Org.) Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 73- 90.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Caleidoscópio das violências nas escolas. Brasília: Mania de Educação-Missão Criança, 2006.

ALVES, F.; ORTIGAO, I.; FRANCO, C. Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 130. p. 161-80, jan./abr. 2007.

ARANHA, M. L. A. Filosofia da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

AVELAR, A. C. A motivação do aluno no contexto escolar. Sistema Integrado de Publicações Eletrônicas da Faculdade Araguaia – SIPE. v.3 · 2015 · p. 71-90.

BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 487-99, 2010.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRANCALHÃO, W. R. D. A educação para o adolescente em conflito com a lei: mecanismo de inserção ou exclusão social. Dissertação de mestrado do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Marília, SP, 2003, 125p.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8069. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1990.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96. 1996.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Brasília: Senado Federal, 2013.

CAMPO, D. M. S. Psicologia da aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARIA, T. A construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteira. In: CARIA, T. (Org.) Experiência etnográfica em ciências sociais. Porto: Afrontamento, 2003, p.9-20.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes

Médicas Sul, 2000.

CORBUCCI, R.P. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília, Rio de Janeiro, Ipea , 1990.

COSTA, M. B. As diferentes manifestações da juventude na escola: Uma visão dos impasses e das perspectivas. *Conjectura*, Mariane Brito da Costa, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010.

CRAHAY, M. É possível tirar conclusões sobre os efeitos da repetência? *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, p. 223-46, jan./abr. 2006.

DAMON, W. O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes? São Paulo: Summus, 2009.

DAYRELL, J.; A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.28, n.100, 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003.

DELORS, J. Educação. Um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2001.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*. Curitiba: UFPR. n. 24, p. 213-225, 2004.

FORTES, P. A. C. Reflexões sobre a bioética e o consentimento esclarecido. *Bioética*, Brasília, v. 2, p. 129-135, 1994.

FERREIRA JR., A; BITTAR, M.; Proletarização e sindicalismo de professores na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Terras do Sonhar/Edição Pulsar, 2006.

GARCIA, P. S.; PREARO, L. L. C. O Ensino Médio nos Municípios do Grande ABC Paulista: Análise e Interpretação de alguns Indicadores de Desempenho. *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, v. 9.2, p. 167-189, 2016.

HERNANDES, P. R. A reforma do Ensino Médio e a produção de desigualdades na educação escolar. *Revista do centro de Educação UFSM*. Santa Maria. v. 44, 2019.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. *Capitalismo, trabalho e educação*, 3, 77-96, 2002.

KUENZER, A. Z. O ensino médio no Plano Nacional de Educação 2011-2020: superando a década perdida? *Educação & Sociedade*, 31 (112), 851-873, 2010.

KUENZER, A. Z. *Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal*. Cadernos de Pesquisa, 3. Edição, p.189-194, 2011.

LOCKAMNN, K.; TRAVERSINI, C. S. Alargamento das funções da escola e redefinição dos conhecimentos escolares: implicações da educacionalização do social. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 26, n. 63, p. 817-835, set./dez. 2017.

LOPES, R. E. et al. Juventude pobre, violência e cidadania. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.17, n.3, p.63-76, 2008.

LOPES, R. E. et al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface*. São Paulo, v.15, n.36, p. 277- 88, jan/mar, 2011.

LUZ, L. S. O impacto da repetência na proficiência escolar: uma análise longitudinal do desempenho de repetentes em 2002-2003. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MELO, L. P; SALLES, L. M. F. Escola, juventude e perspectivas de futuro: alguns apontamentos. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 40, n. 110, p.86-96, Jan.-Mar., 2020.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MOTTA V. C.; FRIGOTTO, G. Por Que A Urgência Da Reforma Do Ensino Médio? Medida Provisória Nº 746/2016 (Lei Nº 13.415/2017) In *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 38, nº. 139, p.355-372, 2017 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00355.pdf>.

NERI, M. O tempo de permanência na escola e a motivação dos sem-escola. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2009.

NOSELLA, P. Ensino médio: em busca do princípio pedagógico. *Educação & Sociedade*, 32 (117), 1051-1066, 2011.

NÓVOA, A. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
OCDE. OCDE divulga Education at a Glance 2020.

NUNES, L. C. et al. Perfil de estudantes dos anos iniciais com dificuldades de aprendizagem: importância da educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 22, n. 2, p. 36-46, 2014.

OLIVEIRA, A. M. Jovens e adolescentes no Ensino Médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2008,198p.

OLIVEIRA, C. R. A indiferença de estudantes do ensino médio pelo conhecimento escolarizado: reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva Histórico-Cultural. 2017. 90p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2017.

PAIS, J. M. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2005, v.3, 340 p.

PARO, V. H. Reprovação escolar: renúncia à educação. São Paulo: Xamã, 2001.

PATTO, M. H. S. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. 1ª reimp. da 3. ed. de 2008. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PEREIRA, B.P.; LOPES, R.E. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. Educ. Real. vol.41 no.1 Porto Alegre jan./mar. 2016.

PEREIRA, B. P. Por que ir à escola? O que dizem os jovens do Ensino Médio. 146 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional), Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2014.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-12, dez., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2a12.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2021.

PUIG, J. M. A construção da personalidade moral. São Paulo: Ática, 1996.

REIS, R. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. Educação e Pesquisa, v. 38, n. 3, p. 637-52, 2012.

SÁ, I. R. M. R. O que pensam os alunos sobre a reprovação escolar: vivências de alunos do ensino médio do IFPI/ Campus Floriano. São Paulo, 2018. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, 2018.

SALLES, L. M. F., SILVA, J. M. A. P. E. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. Cadernos de Educação, 1(30), 149-166.

SNYDERS, G. Alunos felizes, reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SPOSITO, M.P.;CARRANO, P.C.R. Juventude e políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n 24, p.16-39, 2003.

SPOSITO, M. P. Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não formal. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 33, v. 2, p. 83-98, jul./dez. 2008.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(para os pais/responsáveis)

Prezado (a) Senhor (a) Esta pesquisa com título “Qual o sentido e a função da escola? O que dizem os alunos e professores do Ensino Médio” é sobre o sentido e a função da escola e está sendo desenvolvida pelo(s) aluno(s) _____ do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dra. Beatriz Prado Pereira. Os objetivos do estudo são: Analisar e compreender a partir da visão dos alunos e professores, os sentidos e a função que atribuem à escola. Apreender a partir da visão dos jovens alunos do Ensino Médio regular da escola escolhida, os sentidos da escola e como educação formal se constitui em suas histórias de vida/ Investigar como os professores do Ensino Médio regular do município de João Pessoa (PB) como compreendem o sentido e a função da escola para a formação dos alunos/ Como a alunos e professores compreendem a escola como espaço de convivência e sociabilidade, para além do conteúdo curricular. A finalidade deste trabalho é contribuir para ampliar as reflexões acerca da formação acadêmica sobre a escola. A partir do presente estudo há a oportunidade de fomentar uma maior compreensão sobre as necessidades e especificidades dessa discussão e contribuir para pensar estratégias para lidar com as demandas e necessidades dos jovens estudantes. Do ponto de vista mais direto, a pesquisa, no momento da produção dos dados, oportunizará um espaço para cada participante refletir sobre a temática da juventude e o sentido da escola. Solicitamos sua autorização para a participação do seu filho(a) na colaboração para responder um questionário e uma entrevista individual, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação, o nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Ou poderão apresentar desconforto mediante as questões apresentadas, principalmente, no que se refere à rememoração da trajetória de vida e/ou percurso de vida. Ele pode interromper a pesquisa quando desejar, não lhe trazendo nenhum dano. Desta maneira os riscos estão diretamente ligados à permanência das participantes e aos possíveis constrangimentos durante as respostas, de acordo com a Resolução 466/12 da CONEP/MS.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a autorizar as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não autorizar o estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para

participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) a orientadora responsável Dra. Beatriz Prado Pereira no Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Tel: 3216.7996. E-mail: biapradop@gmail.com Ou Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido termo.

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO

(No caso do menor entre 12 a 18 anos)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “ Qual o sentido e a função da escola? O que dizem os alunos e professores do Ensino Médio”.

Nesta pesquisa pretendemos: analisar e compreender a partir da visão dos alunos e professores, os sentidos e a função que atribuem à escola. Apreender a partir da visão dos jovens alunos do Ensino Médio regular da escola escolhida, os sentidos da escola e como educação formal se constitui em suas histórias de vida/ Investigar como os professores do

Ensino Médio regular do município de João Pessoa (PB) como compreendem o sentido e a função da escola para a formação dos alunos/ Como a alunos e professores compreendem a escola como espaço de convivência e sociabilidade, para além do conteúdo curricular. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é “além de fatores como a falta de interesse, a violência, os maus tratos, a indisciplina e a falta de incentivos relacionados aos estudos, observou-se que muitos dos jovens acabam evadindo dessas instituições de ensino e sofrendo as consequências da falta de uma formação escolar. Ainda assim, existem aqueles que permanecem na escola, satisfeitos ou não, com dificuldades ou não, sendo essa pesquisa uma tentativa de compreender as peculiaridades e os sentidos dessa permanência”. E “dentre os benefícios previstos, acredita-se que a pesquisa pode proporcionar um caminhar inicial para o reconhecimento do sentido e função da escola para os diversos atores envolvidos. Ampliar as reflexões acerca da formação acadêmica sobre a escola. A partir do presente estudo há a oportunidade de fomentar uma maior compreensão sobre as necessidades e especificidades dessa discussão e contribuir para pensar estratégias para lidar com as demandas e necessidades dos jovens estudantes. Do ponto de vista mais direto, a pesquisa, no momento da produção dos dados, oportunizará um espaço para cada participante refletir sobre a temática da juventude e o sentido da escola.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): “Primeiro será aplicado um questionário com todos os alunos e professores do ensino médio da escola selecionado e posteriormente uma entrevista com alguns alunos selecionados de forma aleatória e que quiserem participar”. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Ao realizar a pesquisa, os participantes poderão apresentar desconforto mediante as questões a eles apresentadas, principalmente, no que se refere à rememoração da trajetória de vida e/ou percurso de vida. (ou risco maior que o mínimo, se for o caso). Apesar disso, caso sejam

identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do (a) jovem estudante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Contato do Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisadora orientadora responsável Prof. Dra. Beatriz Prado Pereira no Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Tel: 3216.7996. E-mail: biapradop@gmail.com. Ou Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB (83) 3216-7791 – E-mail:

comitedeetica@ccs.ufpb.br Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

João Pessoa, ____ de _____ de 20____.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ECITFAC

ESCOLA E JUVENTUDES: O QUE OS JOVENS PENSAM SOBRE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB

Projeto de Iniciação Científica

Esta pesquisa tem por interesse conhecer o que vocês, estudantes, pensam sobre a função e o sentido da instituição escolar. Assim sendo, queremos convidá-los(as) a serem nossos(as) parceiros(as) nesta pesquisa e preencher o seguinte questionário:

1. CRIE SEU PERFIL

Nome da Escola: _____
 Idade: _____
 Sexo: feminino () masculino () outro ()
 Bairro onde reside: _____

1 2 3 4 5

2. COMO TEM SIDO SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR?

Período em que estuda atualmente: () integral () noite

Em qual ano você está atualmente? () 1º ano () 2º ano () 3º ano () EJA

Se está cursando o EJA, em qual módulo está?
 () Módulo I () Módulo II () Módulo III

Em qual/quais escola(s) você estudou na Educação Infantil?
 Creche (0 até 3 anos) _____
 Pré-Escola (4 até 5 anos) _____

Em qual/quais escola(s) você estudou no Ensino Fundamental?
 Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) _____
 Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) _____

Já estudou em outra escola no Ensino Médio, antes de vir para a FAC?
 () Sim () Não
 Se sim, qual/quais? _____

Motivos para a mudança de escola:
 () Trabalho
 () Mudança de bairro ou cidade
 () Relações ruins entre os colegas-direção-professores
 () Outros. _____
 Escreva aqui: _____

Durante sua trajetória nas escolas, você reprovou algum ano? () Sim () Não
 Caso tenha reprovado, em qual/quais ano(s) isto aconteceu?
 Ensino Fundamental: () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano
 () 7º ano () 8º ano () 9º ano
 Ensino Médio: () 1º ano () 2º ano () 3º ano

1 2 3 4 5

Você já precisou interromper (sair) da escola antes de terminar o ano? () Sim () Não

Caso tenha interrompido, em qual/quais ano(s) isto aconteceu?

Ensino Fundamental: () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano
() 7º ano () 8º ano () 9º ano

Ensino Médio: () 1º ano () 2º ano () 3º ano

Quais foram os motivos: _____

Você já cursou Educação de Jovens e Adultos (EJA), antigo "supletivo"?

() Sim () Não

Se sim, em qual ano?

Ensino Fundamental: () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano
() 7º ano () 8º ano () 9º ano

Ensino Médio: () 1º ano () 2º ano () 3º ano



3. VOCÊ VAI À ESCOLA PORQUÊ?

Você gosta de ir à escola? () Sim () Não

Você se sente motivado a ir para a escola? () Sim () Não

Você gosta da escola que estuda atualmente? () Sim () Não

Por que você vai à escola?

- () Porque considero importante
- () Porque sou obrigado
- () As duas alternativas
- () Nenhuma das alternativas

O que você **mais** gosta na escola em que estuda?

- () De aprender
- () Dos professores
- () Dos amigos
- () Do intervalo

Você vai à escola para (escolha mais de uma alternativa, se desejar):

- () Namorar
- () Se divertir
- () Fazer amigos

Tem mais algum sentido em ir para à escola? Escreva aqui:



4. PARA VOCÊ, QUAL É A FUNÇÃO DA ESCOLA?

Assinale mais de uma alternativa, se desejar:

- ☐ Um lugar para se expressar
- ☐ Estimular e apoiar os alunos em suas decisões
- ☐ Estimular os projetos de vida/futuro dos alunos
- ☐ Discutir sobre as problemáticas sociais
- ☐ Discutir sobre os diversos tipos de preconceitos e violências
- ☐ Discutir sobre as políticas públicas/sociais
- ☐ Discutir sobre as desigualdades sociais
- ☐ Formar para passar no vestibular/ entrar em uma universidade
- ☐ Preparar para o mercado de trabalho
- ☐ Contribuir para ter melhores condições de vida
- ☐ Contribuir para a formação cidadã dos(as) alunos(as)
- ☐ Ser um local que possibilita boas vivências
- ☐ Possibilitar espaços de convivência e sociabilidade
- ☐ Ensinar coisas novas

Tem mais alguma coisa que você acha que é função da escola? Escreva aqui:



VOCÊ TEM INTERESSE EM CONVERSAR MAIS SOBRE ISSO?



SE SIM, DEIXE SEU NOME E CONTATO.

Nome:

E-mail:

Telefone:

